



PARTICIPAÇÃO FEMININA EM EMPREENDIMENTOS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA: um estudo de caso

GT 3 - Economia Solidária, Economia da Cultura e Políticas Públicas

Fabiane Correia da Cunha¹

RESUMO

A Economia Solidária no Brasil nasce como alternativa de trabalho a intensa exploração capitalista em que os trabalhadores enfrentavam em meados da década de 1980. A presença das mulheres neste movimento social também estava ligada ao rompimento desta problemática, buscavam principalmente, a inserção social em novas perspectivas de emprego capazes de gerar renda para a dura realidade de pobreza e exclusão que enfrentavam. Pensando nesta questão, este trabalho tem como objetivo levantar informações a cerca de aspectos sobre a participação feminina em empreendimentos da Economia Solidária, estudando uma Associação de Catadoras de Materiais Recicláveis localizada no município de Cruz das Almas - BA, que atualmente é dirigida por um grupo de seis mulheres. Para isto, foi necessária a realização de uma pesquisa bibliográfica sobre a temática em destaque, além de uma pesquisa de campo através de informações recolhidas junto à presidente da Associação no que se refere ao perfil socioeconômico das associadas. Através dessas informações, foi possível constatar que os membros vêm se dedicando aos trabalhos desde o ano de 2010, sendo que as principais atividades desenvolvidas giram em torno da coleta, triagem e comercialização dos materiais recicláveis, o que conseqüentemente tem gerado melhores condições de renda para suas famílias.

Palavras-chave: Associação. Economia Solidária. Mulheres. Trabalho.

1 INTRODUÇÃO

A Economia Solidária é um movimento social que busca provocar mudanças em alguns paradigmas da sociedade, através de um desenvolvimento solidário, democrático e sustentável. Este movimento busca romper com as barreiras do capitalismo, construindo uma alternativa de trabalho que tem como objetivo social, a valorização do ser humano. Sua prática é representada por iniciativas de produção, comercialização e consumo solidário, uma vez que articula a atividade econômica dos empreendimentos solidários.

¹ Graduada em Tecnologia em Gestão de Cooperativas pelo Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: fabiane_correia@hotmail.com.



Este movimento social tem origem no Brasil na década de 1980 como um novo formato de manutenção de empresas que passavam por crises falimentares. Surge como um modelo de regulação da sociedade por meio de serviços solidários, emergindo com a problemática da exclusão social.

As mulheres por sua vez, que se inserem nos empreendimentos da Economia Solidária são, na grande maioria dos casos, pobres e sem muitas expectativas em relação ao mercado de trabalho. Esses empreendimentos representam outras configurações de trabalho, a partir do trabalho associado, autogestionário e cooperativado, criando uma forma de produção e distribuição baseado na inclusão social e na coletividade. Dessa forma, a participação feminina no mundo do trabalho é carregada de um valor social muito importante, já que são responsáveis por toda administração de seus empreendimentos.

Este trabalho objetivou levantar informações sobre a participação feminina em empreendimentos da Economia Solidária, tendo como campo de pesquisa uma Associação de Catadoras de Materiais Recicláveis situada no município de Cruz das Almas - BA, que por consequência é dirigido exclusivamente por mulheres. Além disto, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre a temática central.

O artigo está estruturado em cinco capítulos, sendo o primeiro relativo à origem, conceitos, princípios e participação das mulheres no campo da Economia Solidária. O segundo capítulo trata da metodologia utilizada. No terceiro capítulo estão contidos os resultados e discussões obtidos no decorrer do trabalho. O quarto capítulo traz a conclusão. Já o quinto capítulo aborda as referências bibliográficas.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 Economia Solidária

2.1.1 Origem Histórica da Economia Solidária no Brasil

A Economia Solidária não é uma invenção atual. Ela já tem uma longa trajetória, tanto no Brasil como em outros países mundiais. Pode-se afirmar que uma das primeiras experiências são os povos indígenas, que tinham a cultura da economia com base na partilha e



na solidariedade (BERTUCCI et al., 2010). A origem da Economia Solidária é originada das lutas históricas dos trabalhadores do século XIX, sob a forma de cooperativismo, como uma alternativa de resistência contra o avanço do capitalismo industrial (SINGER, 2002 apud BERTUCCI et al., 2010).

A Economia Solidária começa a desenvolver-se, no Brasil, a partir da última década do século passado. Está em sua origem o renascimento dos movimentos sociais, no acaso do regime militar, que se prolongou até 1985. Estes movimentos foram colhidos pela imensa crise social, desencadeada por políticas neoliberais de abertura do mercado internos às importações, de juros elevados e ausência de desenvolvimento, este último sacrificado no altar da estabilidade dos preços (SINGER, 2002 apud SILVA, 2010, p. 44).

Diante deste cenário, entende-se que no Brasil o movimento da Economia Solidária surge como resposta dos trabalhadores aos novos formatos de exploração da força de trabalho. Nas áreas rurais, a Economia Solidária vem sendo trabalhada como modelo organizativo das atividades advindas dos assentamentos da reformas agrária, por meio da agricultura familiar, do artesanato, da pesca extrativista, da apicultura, entre outras. As comunidades de povos tradicionais (quilombolas, indígenas e ribeirinhos), vêm compreendendo cada vez mais a Economia Solidária como estratégia de promoção ao desenvolvimento social (BERTUCCI et al., 2010). De todo modo, a Economia Solidária passa a se caracterizar no país:

[...] como nova alternativa para geração de renda, inclusão e fortalecimento social como resposta importante não só de trabalhadores como das comunidades pobres em relação às transformações ocorridas no mundo do trabalho. Esta nova prática de produção privilegia o trabalho coletivo, a autogestão, a justiça social, o cuidado com o meio ambiente e responsabilidade com as gerações futuras. (CHAVES e PINTO, 2007, p. 61).

Ao buscarmos outras experiências coletivas dessa natureza no Brasil, podemos verificar que o cooperativismo surge a partir dos ideários dos tecelões de Rochdale em 1844, na cidade paulista de Limeira, com a chamada Associação Cooperativa dos Empregados da Companhia Telefônica. Esta experiência só viria a ocorrer entre 1950 a 1960 no Rio Grande do Sul. Porém ao contrário da sociedade de Rochdale que prezava o interesse coletivo das pessoas necessitadas, esta experiência brasileira se caracterizou como um modelo conservador, onde os interesses cooperativos eram decorrentes das elites que estavam preocupadas com a possibilidade da organização dos pobres (SILVA, 2010).



Nas áreas urbanas brasileiras, a Economia Solidária tem sido apoiada por movimentos populares urbanos e sindicais, como alternativa de organização econômica e estratégia ao desemprego, tendo como principais iniciativas o fortalecimento do cooperativismo e associativismo de produtores que atuam individualmente ou em grupos familiares; a criação de clubes de troca, bancos comunitários e fundos solidários; e nos processos de recuperação de empresas que passaram pelo processo de falência (BERTUCCI et al., 2010).

Assim, a Economia Solidária no país teve como foco reverter à lógica do capital em que a quantidade dos que se enriquecem materialmente é cada vez mais reduzido, enquanto se aumenta aceleradamente a quantidade dos que vivem na pobreza (SILVA, 2010).

2.1.2 Conceitos e Princípios da Economia Solidária

Ao longo dos anos, foram sendo designados vários conceitos para a Economia Solidária, entretanto todos têm como semelhança o ideal da solidariedade. Um dos autores mais atuantes e experientes nesta área define o movimento como: “[...] outro modo de produção, cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual.” (SINGER, 2002, p. 10).

De acordo com Silva (2010), a Economia Solidária representa outro paradigma produtivo, estando aliada a novos formatos organizacionais e detentora de uma visão de progresso, de novos modos de se relacionar, sobre o político e a aliança da sociedade com a natureza, na direção de uma humanidade ambientalmente sadia e justa.

A Economia Solidária é caracterizada como um conjunto de atividades ligadas à economia, cujo objetivo é diferente do mercado capitalista e dos ideários do Estado. Diferentemente da economia capitalista, focada no ganho do capital, a Economia Solidária é organizada a partir dos fatores humanos, favorecendo as relações sociais através da reciprocidade e da solidariedade (LAVILLE, 1994 apud LECHAT, 2002).

De fato, a Economia Solidária se propaga como uma nova alternativa para geração de emprego e renda, inclusão e fortalecimento social como resposta aos trabalhadores pobres em relação às mudanças que ocorrem no mundo do trabalho. Esta nova forma de economia privilegia o trabalho coletivo, a justiça social, o cuidado com os recursos naturais e a responsabilidade com as futuras gerações (CHAVES e PINTO, 2007).



Ainda segundo Bertucci et al., (2010), a Economia Solidária visa sobretudo, a autogestão, uma vez que não existe a presença do patrão nem do empregado, pois todos os membros do empreendimento (associações, cooperativas, clubes de trocas, entre outros) desenvolvem ao mesmo tempo a função de trabalhadores e donos. Em relação aos princípios desta nova forma de economia, a seguir estão listados os mais importantes:

- **a cooperação** como a existência de interesses e objetivos comuns, a união dos esforços e capacidades, a propriedade coletiva de bens, a partilha dos resultados e a responsabilidade solidária sobre os possíveis ônus. Envolve diversos tipos de organização coletiva que podem agregar um conjunto grande de atividades individuais e familiares;
- **a autogestão** é a orientação para um conjunto de práticas democráticas participativas nas decisões estratégicas e cotidianas dos empreendimentos, sobretudo no que se refere à escolha de dirigentes e de coordenação das ações nos seus diversos graus e interesses, nas definições dos processos de trabalho, nas decisões sobre a aplicação e distribuição dos resultados e excedentes, além da propriedade coletiva da totalidade ou de parte dos bens e meios de produção do empreendimento;
- **a solidariedade** é expressa em diferentes dimensões, desde a congregação de esforços mútuos dos participantes para alcance de objetivos comuns; nos valores que expressam a justa distribuição dos resultados alcançados; nas oportunidades que levam ao desenvolvimento de capacidades e da melhoria das condições de vida dos participantes; nas relações que se estabelecem com o meio ambiente, expressando o compromisso com o meio ambiente saudável; nas relações que se estabelecem com a comunidade local; na participação ativa nos processos de desenvolvimento sustentável de base territorial, regional e nacional; nas relações com os outros movimentos sociais e populares de caráter emancipatório; na preocupação com o bem-estar dos trabalhadores e consumidores; e no respeito aos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras; e
- **a ação econômica** é uma das bases de motivação da agregação de esforços e recursos pessoais e de outras organizações para produção, beneficiamento, crédito, comercialização e consumo, o que envolve elementos de viabilidade econômica, permeados por critérios de eficácia e efetividade, ao longo dos aspectos culturais, ambientais e sociais. (BERTUCCI et al., 2010, p. 15-16).

Portanto, a Economia Solidária é um movimento social que busca outros valores sociais, ou seja, uma forma diferente de desenvolvimento, não baseado nas grandes empresas capitalistas, mas sim um desenvolvimento para a construção de uma população pautada nos princípios da solidariedade, democracia, cooperação, preservação ambiental e direitos humanos (BERTUCCI et al., 2010).



2.1.3 Participação Feminina nos Empreendimentos da Economia Solidária: Contextualização da Pesquisa

Nos últimos anos, a sociedade brasileira vem se caracterizando por uma marcante presença feminina no mercado de trabalho. Com o passar do tempo, percebe-se que as mulheres têm lutado para atingir um expressivo grau de escolaridade e autonomia, contribuindo assim, para sua inserção no mercado de trabalho e conquista da independência econômica. Por outro lado, embora as mulheres venham ocupando espaços relevantes em termos financeiros e de escolaridade verifica-se que ainda existem o grupo das mulheres trabalhadoras pobres, com baixo índice de qualificação, com idade elevada e que possuem poucas expectativas em relação ao mercado de emprego. Ainda assim, tem a responsabilidade de cuidar dos afazeres domésticos e dos filhos, o que representa grande sobrecarga no seu cotidiano (RAMOS, 2011).

Para o mesmo autor, como consequência disso, elas se encontram mais expostas à pobreza, ao desemprego e a exclusão do mercado formal de trabalho, aspectos que acabam contribuindo para a dinâmica de desigualdades entre homens e mulheres. Para Cappellin, (2004 apud Ramos, 2011) a entrada de mulheres no mercado de trabalho se dá justamente pela paridade salarial em relação aos homens, assim as mulheres acabaram se engajando em trabalhos temporários e informais, contribuindo para esta desigualdade de gênero no que se refere à remuneração e a desvantagem de ocupação em determinados cargos.

Diante deste contexto, contra o desemprego, a exclusão e a vulnerabilidade têm aumentado a presença de mulheres em iniciativas populares de trabalho no campo da Economia Solidária, baseadas no associativismo, no cooperativismo e na autogestão, que se unem sob a forma de produção e distribuição. Seria um novo modelo de trabalho, a partir das bases associativas em um contexto que existe a dificuldade de acesso ao mercado de trabalho. Estas iniciativas, denominadas de Economia Solidária, são apoiadas como alternativas de geração de emprego, renda e inclusão (RAMOS, 2011).

A Economia Solidária seria uma forma de organização econômica, que tem como foco os valores da democracia, privilegiando o trabalho coletivo, a igualdade entre os membros, o poder de decisão em grupo, que são elementos centrais desse movimento. Neste processo, reúnem-se um conjunto de iniciativas econômicas ligadas ao interesse coletivo e visadas pela



democracia e pela livre associação, os quais favorecem uma articulação econômica, social e política (GUÉRIN, 2005 apud RAMOS, 2011).

Diante disto, mulheres excluídas do mercado de trabalho têm participação destacada nestes espaços. Ampliando seu olhar para o trabalho associado e considerando a relação social de gênero, visualiza-se não somente a participação das mulheres no campo da Economia Solidária, mas também a atuação delas como gestoras dos empreendimentos (RAMOS, 2011). Culti (2004 apud Ramos, 2011) acredita que nestas experiências, em se tratando a questão da liderança, possibilitam o reconhecimento e a expressividade feminina neste espaço coletivo, bem como, sua representatividade em setores de atuação masculina desconstruiria o ideário assimilado pela sociedade da superioridade dos homens nas atividades de geração de renda. Estas atividades coletivas abrem as mulheres uma oportunidade para que se tornem proprietárias dos meios de produção, distribuição e consumo com as mesmas chances dos homens.

A Economia Solidária também permite que a classe feminina busque conquistar espaços nas áreas de atuação dos poderes públicos, uma vez que este engajamento possibilita o rompimento com algumas dificuldades que as mesmas enfrentam em relação à cidadania e a luta por seus direitos.

Assim, a Economia Solidária surge como alternativa econômica e oportunidade de emprego para muitas mulheres. Trabalhadoras, principalmente as mais pobres, ganham a oportunidade de mostrarem seu potencial neste novo modelo de trabalho. Apesar de o Brasil apresentar empreendimentos tidos como pobres e informais, ainda assim a Economia Solidária contribui para a inserção social de muitas mulheres (RAMOS, 2011).

3 METODOLOGIA

Para realização deste trabalho que objetivou levantar informações sobre a participação feminina em empreendimentos da Economia Solidária, tendo como campo de pesquisa uma Associação de Catadoras de Materiais Recicláveis situada no município de Cruz das Almas - BA, foram necessárias duas etapas fundamentais:

1 Pesquisa Bibliográfica: Trata-se de uma revisão bibliográfica, por meio de consultas a artigos científicos em que autores importantes tratam da temática em destaque.



2 Pesquisa de Campo: Esta etapa baseou-se num levantamento de informações através de uma pesquisa realizada em uma Associação de Catadoras de Materiais Recicláveis situada no município de Cruz das Almas, por meio da vivência de campo durante a disciplina de Estágio Supervisionado Obrigatório do Curso de Tecnologia em Gestão de Cooperativas do Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Buscou-se investigar a origem da Associação, as principais atividades realizadas e o perfil socioeconômico dos membros, uma vez que foi constatado que todas estas pessoas são do sexo feminino. Infelizmente não foi possível encontrar no município outros empreendimentos solidários que fossem administrados exclusivamente por mulheres. Assim, para dar prosseguimento a esta pesquisa, foi necessário a preservação do nome da Associação, bem como o nome das associadas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Associação de Catadoras de Materiais Recicláveis surgiu em 2007, com um grupo de aproximadamente 19 pessoas, incluindo homens e mulheres, que buscavam uma alternativa de emprego contra a exclusão que enfrentavam em relação ao mercado de trabalho. Algumas dessas pessoas já tinham alguma experiência com a catação de materiais recicláveis, pois trabalhavam informalmente na coleta de resíduos nas ruas e em alguns estabelecimentos comerciais.

Em 2010 houve a dissolução deste grupo, tendo como consequência a saída de todos os membros do sexo masculino, reduzindo assim a quantidade de pessoas, o que culminou com a presença em massa das mulheres.

Atualmente, a Associação é conduzida por um grupo de seis mulheres, sendo a estrutura organizacional composta por uma presidente, uma vice-presidente, uma tesoureira, uma secretária e uma associada do Conselho Fiscal.

Cerca de cinco mulheres residem num mesmo bairro da na zona urbana e, apenas uma mora na zona rural de Cruz das Almas. As principais atividades desenvolvidas pelo grupo são: a coleta seletiva, a triagem dos resíduos e a comercialização, que é realizada nas cidades circunvizinhas, pois no município não existem empresas de reciclagem para comprar os materiais do empreendimento. A Associação não compra materiais recicláveis de catadores



informais, pois estaria agindo como atravessadora, e não estaria indo de encontro com a lógica da Economia Solidária.

Em relação às informações obtidas no empreendimento sobre o perfil socioeconômico das associadas, foi possível constatar que como dito anteriormente, a presença de 100% de mulheres. Relacionando esta informação com a faixa etária, tem-se que a idade do grupo varia de 30 a 60 anos, com um maior número na faixa dos 41 a 50 anos.

Acredita-se que a faixa etária é um fator significativo em um tipo de trabalho como este. Isto se deve possivelmente, ao preconceito ou rejeições que muitas pessoas depositam neste profissional.

Sobre o estado civil das associadas, a quantidade de casadas e solteiras não variou muito (três mulheres casadas e três solteiras), entretanto isto não foi um empecilho em relação aos seus conjugues para que trabalhassem na coleta de materiais recicláveis. Foi constatado também, que a grande maioria possui de dois a três filhos, mas somente uma associada não possui.

No grau de escolaridade foi identificado que apenas uma associada possui o primeiro grau completo, e uma o segundo grau completo. As demais não conseguiram concluir o primeiro nem o segundo grau escolar.

Já sobre a atividade que cada associada desenvolve no empreendimento, tem-se que todas realizem a triagem dos materiais no galpão em que a Associação está instalada. Sendo assim, metade se classifica como catadoras, porque vão realizar a atividade de coleta nos pontos estabelecidos, enquanto a outra metade realiza apenas a triagem dos resíduos no galpão.

Fazendo uma análise desta informação, é possível analisar que a maioria das que se declaram catadoras, exercem este trabalho há quatro anos, sendo que apenas uma das associadas já tinha experiências passadas na área de catação, porém de maneira informal.

Outro dado importante é a quantidade de mulheres que desenvolve apenas a triagem dos materiais no galpão, mesmo não se assumindo como catadoras, realizam a atividade entre dois e quatro anos.

Estas mulheres foram responsáveis por implantar a coleta seletiva solidária de materiais recicláveis em dois bairros do município. A coleta seletiva nos bairros se trata de um avanço para a cidade no que diz respeito ao atendimento as prioridades da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) decretada no ano de 2010, contribuindo para que a



população se envolva na atividade. Para que esta ação viesse a ocorrer, as associadas precisaram mobilizar os moradores para que este projeto tivesse êxito, a realização de um trabalho contínuo de educação junto à população vem desencadeando pontos positivos para a eficiência da coleta.

Também implantaram um projeto de Educação Ambiental em oito escolas públicas e privadas, tendo a parceria da Incubadora de Empreendimentos Solidários (INCUBA) da UFRB. Este projeto tem como objetivo alertar para a importância da reciclagem dos materiais e estimular os estudantes a descartar corretamente seus resíduos. É importante destacar que as atividades de acompanhamento nas escolas são realizadas de forma permanente, assim como nos bairros. Além disso, a Associação conta com as doações de materiais recicláveis de alguns estabelecimentos comerciais da cidade.

As mulheres comercializam seus recicláveis para atravessadores, o que consequentemente barateia os preços. Esta comercialização é realizada principalmente para empresas recicladoras de Feira de Santana - BA, considerada distante do município de Cruz das Almas. Entretanto, tem sido possível buscar novos mercados para a comercialização a exemplo de indústrias que beneficiam papel e papelão localizados no Recôncavo da Bahia e indústrias de reciclagem de garrafas PET.

O trabalho na Associação ocorre somente no turno vespertino, tendo duração de quatro horas por dia e uma carga horária de 20 horas semanais, o que possibilita estas mulheres realizarem outras atividades pessoais durante o turno matutino.

Os principais motivos que levaram as associadas a trabalhar na atividade foram à falta de oportunidade de emprego e a necessidade de complementação na renda familiar. Pode-se dizer que a não absorção no mercado de trabalho aliada a falta de experiência profissional, faz da atividade de catação um dos meios para a garantia de trabalho e renda das pessoas envolvidas. As ocupações anteriores dessas mulheres eram de atividades ligadas a costura, diarista, dona de casa, lavradora e no tratamento de fumos em armazéns e, portanto nunca trabalharam em lixão.

De todo modo, a formalização desse grupo foi possível graças ao apoio da INCUBA/UFRB que realiza atividades de forma permanente, buscando construir um modelo de desenvolvimento baseado na inserção social e econômica para combater a exclusão social e a poluição do meio ambiente. Além disso, a INCUBA/UFRB foi responsável pela aquisição



de equipamentos e maquinários necessários para o trabalho com os resíduos e oficinas relacionadas à viabilidade do trabalho organizado das catadoras.

Além disso, as associadas também vêm buscando apoio em órgãos públicos e privados e de fomento ao cooperativismo. Em 2013 a Associação estabeleceu um convênio de Cooperação Técnica juntamente com a UFRB e a Empresa Brasileira de Pesquisa em Mandioca e Fruticultura (Embrapa). Os resíduos sólidos como papel, metal e plásticos gerados nessas instituições são destinados uma vez por semana ao galpão de triagem da associação. A prefeitura do município se responsabiliza pelo aluguel do galpão, pagamentos de água e energia e pelo motorista do caminhão. A Associação passou a integrar desde 2012 o Complexo Cooperativo de Reciclagem da Bahia juntamente com mais oito empreendimentos solidários do segmento da reciclagem. Essa parceria possibilitou também a aquisição de um caminhão baú para coleta e comercialização dos resíduos. Esses parceiros se mostram eficientes para a continuação das atividades realizadas pela Associação.

Por fim, o trabalho organizado tem possibilitado as associadas à discussão coletiva, a busca por soluções sobre determinados problemas e, principalmente a ação coletiva, contribuindo para um bom relacionamento entre o grupo.

5 CONCLUSÃO

Ao longo da história da Economia Solidária no Brasil, percebe-se que o seu objetivo principal era justamente a busca por uma alternativa de trabalho que fosse diferente da exploração do modelo capitalista que enfrentavam. Neste caso, surge como uma nova forma de emprego para muitas mulheres que também buscavam outras oportunidades de geração de renda.

Considerando o caso da Associação de Catadoras de Materiais Recicláveis do município de Cruz das Almas, observou-se que predominam os trabalhadores do sexo feminino, com baixo nível de escolaridade e maiores de 30 anos. A grande maioria das associadas mantém algum tipo de relação conjugal. Praticamente mais da metade das mulheres trabalha com coleta seletiva há pelo menos três anos.

As razões para a adesão a este tipo de trabalho pode ser resultante principalmente, da falta de oportunidade de inserção no mercado de trabalho. As associadas dividem suas



atividades em coletar, triar, comercializar e administrar a organização de acordo com os princípios da autogestão, muito importante para o ganho da autonomia e tomadas de decisões.

Esta pesquisa contribuiu para destacar a participação dos membros de uma Associação, destacando o trabalho feminino. Nesta circunstância, o enfoque de gênero contribui para mostrar que embora o trabalho feminino ainda sofra desigualdades em relação ao masculino (no que se refere à remuneração e melhores cargos), é preciso construir discussões mostrando que a divisão justa do trabalho entre os sexos é possível.

REFERÊNCIAS

BERTUCCI, A.; LIMA, C.; TYGEL, D.; NAGEM, F.; AMORIM, R.; SOUZA, R. P.; KIRSCH, R.; SILVA, S. Economia Solidária: outra economia a serviço da vida acontece. **Campanha da Fraternidade Ecumênica**, v. 1, 2010. 1-46 p.

CAPPELLIN, P. Gênero, Trabalho e Cidadania em Tempo de Crise do Emprego. In: **II Encontro de Intercâmbio de experiências do Fundo de Gênero no Brasil**. Brasília, 2004. 28 p.

CULTI, M. N. Mulheres na Economia Solidária: desafios sociais e políticos. **Texto aceito para apresentação no IV Congresso Europeo CEISAL de Latinoamericanistas**. 2004. 22 p.

CHAVES, D. F; PINTO, I. M. J. Economia solidária como alternativa ao desenvolvimento regional. **Revista T&C Amazônia**, v. 10, 2007. 1-8 p.

GUÉRIN, I. **As mulheres e a economia solidária**. São Paulo: Edições Loyola, 2005. 102 p.

LAVILLE, J. L. **L'économie solidaire**. Paris: Desclée de Brouwer, 1994. 100 p.

LECHAT, N. M. P. As raízes históricas da economia solidária e seu aparecimento no Brasil. **Revista Economia Solidária**, v.1, 2002. 4-17 p.

RAMOS, A. T. A. A Organização Feminina em Empreendimentos Solidários: uma alternativa de inclusão ao meio de trabalho. **Anais II Simpósio Gênero e Políticas Públicas**. Londrina, 2011. 1-12 p. Disponível em: < http://www.isthmus.com.br/argos/anais_sicdes_2014.pdf>. Acesso em: 17 de Jun. de 2015.

SILVA, A. V. **Economia Solidária: uma estratégia política de desenvolvimento**. Tese de Doutorado. Paraíba: Universidade Federal da Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Paraíba, 2010. 147 p.



SINGER, Paul. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002. 127 p.